

Rockefeller defende um novo modelo

Em almoço promovido pela Câmara Americana de Comércio para o Brasil, o presidente do Comitê Consultivo Internacional do Chase Manhattan Bank, David Rockefeller, defendeu a adoção de "um novo modelo de desenvolvimento" alicerçado em estudos da America's Society, que, a seu ver, teria implicações positivas sobre o endividamento externo dos países latino-americanos.

O novo modelo de desenvolvimento envolveria, entre outras coisas, maior flexibilidade de tratamento para cada país, individualmente; novas formas de atração de capitais estrangeiros; eliminação dos controles de preços; fortalecimento do setor privado; tributação realista; crescimento e diversificação das exportações, visando à redução da dependência quanto à comercialização das principais commodities; e política cambial realista.

Rockefeller criticou os modelos de desenvolvimento com base nacionalista — do tipo Cepal — alegando que estão centrados no grande envolvimento do Estado na economia, substituição

de importações e captação de empréstimos externos no lugar dos investimentos de risco. Em seu entender, isso parte de um conceito errôneo, de que o setor público atuaria melhor do que o privado. "O resultado afigurou-se como ineficiência e fuga de capitais. Já vimos que o estatismo falhou", declarou Rockefeller.

Ao analisar os problemas econômicos que atualmente dominaram o cenário mundial, o executivo do Chase considerou que, além daqueles oriundos da crise do petróleo, tiveram intervenção negativa esses modelos já descritos. Nesse sentido, Rockefeller recomenda à América Latina que siga o exemplo das nações asiáticas, como Singapura, Coréia e Tailândia, "cuja história inclui grande sucesso".

CAPITAL ESTRANGEIRO

David Rockefeller defendeu, ainda, um melhor tratamento para o capital estrangeiro por parte do Brasil, "semelhante ao doméstico" e considera necessário atrair maior parcela de capital externo. Disse também que o Chase es-

tima, para este ano, que os investimentos diretos (estrangeiros) no País deverão atingir US\$ 1 bilhão. Além disso, segundo suas perspectivas, o crescimento econômico brasileiro deverá chegar a 4 ou 5% em 1985, contra 2,5% da Argentina e 3% do México.

De acordo com o banqueiro, "é chegado o momento de extrapolar a democracia política para o campo econômico", além do que a sociedade se beneficia com o acúmulo de capital. "Isso é, para mim, um novo modelo de desenvolvimento para as Américas".

Segundo Rockefeller, o País vive um importante momento de transição política e, sobre seu encontro com o presidente eleito Tancredo Neves, comentou que foi abordado o tema protecionismo. "O presidente reconhece que o protecionismo é o oposto do que o Brasil precisa para ter uma economia mais ativa", disse. O banqueiro não concedeu entrevista à imprensa, alegando que o único contato com jornalistas teria sido a coletiva da última terça-feira, em Brasília.